



SEÇÃO: ESTUDOS BAKHTINIANOS CONTEMPORÂNEOS

Enunciado e ideologia em tirinhas da personagem Rã Zinza no contexto pandêmico: uma análise dialógica do discurso

Utterance and ideology in comic strips of the character Rã Zinza in the pandemic context: a dialogical analysis of discourse

Enunciado e ideología en historietas de Rã Zinza en el contexto pandémico: un análisis dialógico del discurso

Francisco Rogiellyson da Silva Andrade¹

orcid.org/0000-0002-2585-1878
rogiellyson@alu.ufc.br

Flavia Hatsumi Izumida Andrade²

orcid.org/0000-0002-2812-9012
flavia.izumida@estudante.ufscar.br

Pollyanne Bicalho Ribeiro¹

orcid.org/0000-0002-5128-8089
pollyanne.bicalho@gmail.com

Recebido em: 10 abr. 2021.

Aprovado em: 22 nov. 2021.

Publicado em: 10 fev. 2022.

Resumo: Este texto analisa, sob o viés da Análise Dialógica do Discurso, tirinhas da personagem Rã Zinza, de Rafael Marçal, acerca do contexto pandêmico do novo coronavírus. Os pressupostos teóricos que abalizam a análise advêm da Filosofia da Linguagem proposta pelo Círculo de Bakhtin, principalmente no que se refere aos conceitos de enunciado e ideologia, aquele visto como elo da interação discursiva que possibilita o processo de reflexo e refração desta. Metodologicamente, empreendemos uma análise dialógica dos enunciados conformados em quatro tirinhas produzidas por Marçal no contexto pandêmico. O cotejo analítico permitiu perceber que, no cronotopo pandêmico brasileiro, ideologias de esquerda e de direita se embatem acerca da crença quanto ao perigo do vírus à humanidade, o que revela não somente uma crise sanitária, tal como vivenciada na maioria dos países assolados pela pandemia, mas também a polarização político-partidária que caracteriza a realidade brasileira em todas as frentes sociais que lhe concernem.

Palavras-chave: Enunciado. Ideologia. Rã Zinza. Pandemia de coronavírus. Análise Dialógica do Discurso.

Abstract: This text analyzes, under the bias of the Dialogical Discourse Analysis, little strips of the character Rã Zinza, by Rafael Marçal, about the pandemic context of the new coronavirus. The theoretical assumptions that abalize the analysis come from the Philosophy of Language proposed by Bakhtin's Circle, mainly concerning the concepts of utterance and ideology, that seen as the link of discursive interaction that enables the process of reflection and refraction of it. Methodologically, we have undertaken a dialogical analysis of the discourses conformed in four strips produced by Marçal in the pandemic context. The analytical comparison allowed us to notice that, in the Brazilian pandemic chronotope, left and right ideologies clash about the belief about the danger of the virus to humanity, which reveals not only a health crisis, as experienced in most countries devastated by the pandemic, but also the political-party polarization that characterizes the Brazilian reality in all social fronts that concern it.

Keywords: Utterance. Ideology. Rã Zinza. Pandemic of coronavirus. Dialogical Discourse Analysis.

Resumen: Este texto analiza, a partir del escopo del Análisis Dialógico del Discurso, historietas del personaje Rã Zinza, de Rafael Marçal, acerca del contexto pandémico del nuevo coronavirus. Los presupuestos teóricos que balizan el análisis advienen de la Filosofía del Lenguaje propuesta por el Círculo de Bajtin, especialmente en lo que se refiere a los conceptos de enunciado e ideología, aquello visto como enlace de la interacción discursiva que possibilita el proceso de reflejo y refacción suya. Metodológicamente, nos propusimos un análisis dialógico de los enunciados conformados en cuatro historietas producidas por Marçal en el contexto pandémico. El cotejo analítico permitió percibir que, en el cronotopo pandémico brasileño, ideologías de izquierda y de derecha se choquean acerca de creencia del peligro del virus a la humanidad, lo que revela



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, Brasil.

² Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, SP, Brasil.

no solamente una crisis sanitaria, tal cual, vivida en la mayoría de los países afectados por la pandemia, sino la polarización político-partidaria la cual caracteriza la realidad brasileira en todas las frentes sociales que la conciernen.

Palabras-clave: Enunciado. Ideología. Rã Zinza. Pandemia de coronavirus. Análisis Dialógico del Discurso.

Introdução

A pandemia de SARS-CoV-2 (doravante novo coronavírus) representou uma mudança ideológico-cultural em todo o mundo. O globo teve que se adaptar a uma nova rotina, a novas maneiras de trabalhar, estudar, fazer compras e interagir. Como se isso não bastasse, o perigo iminente de infecção e de mortes foi/está sendo um companheiro da população mundial, uma vez que a experiência de países como China, Itália, Brasil e Estados Unidos,³ por exemplo, evidenciou a tragédia que a doença causada pelo referido vírus representava, colapsando, naqueles países, os sistemas de saúde e funerário.

Afirma Volóchinov (2018) que toda mudança ideológica se reflete na linguagem e vice-versa. Assim, se linguagem é discurso, também no âmbito da interação discursiva, a pandemia do novo coronavírus evidenciou o processo de luta de classes, principalmente no Brasil, que, além de questões sanitárias, no contexto pandêmico, também sofreu com a polarização político-partidária que assola a nação, em média, desde 2016.

Em função disso, neste artigo, buscamos analisar como a problemática discursiva do cronotopo pandêmico se revela no embate ideológico a partir da tomada de posição do sujeito na e pela linguagem, por meio do recurso do signo linguístico.⁴ Nesse sentido, amparamo-nos, principalmente, nos conceitos de enunciado e ideologia tal como formulados pelos pensadores que compuseram o Círculo de Bakhtin. Como *corpus* de análise, utilizamos quatro tirinhas da personagem Rã Zinza, criada pelo quadrinista

Rafael Marçal, cuja temática é a pandemia do novo coronavírus no contexto brasileiro.

Para empreender essa discussão, dividimos o texto da seguinte maneira: afora esta introdução e as considerações finais, apresentamos uma discussão teórica acerca dos conceitos de enunciado e ideologia sob o viés da Análise Dialógica do Discurso (ADD); posteriormente, descrevemos, também sob o escopo da ADD, a metodologia que permitiu o processo de coleta e análise do *corpus* da pesquisa – nesse viés, assumimos a ADD, portanto, como escopo teórico e metodológico; em seguida, realizamos a discussão analítica dos dados, sob o enfoque dos aportes que nos abalizam.

Notas sobre enunciado e ideologia sob o viés da Análise Dialógica do Discurso

No Brasil, principalmente a partir dos estudos de Brait (2005, 2006), as categorias teóricas empreendidas pelo que ficou conhecido por Círculo de Bakhtin vêm compondo o que a autora chama de uma Análise Dialógica do Discurso⁵ (ADD). O adjetivo *dialógica* faz menção ao fato de, para os pensadores do Círculo, todo ato de linguagem ecoar discursos que se (re)velam no espaço de tensão fundado pelo enunciado.

Assim como a própria linguagem – e porque é linguagem –, também a teorização e os conceitos balizadores apresentados pelo Círculo de Bakhtin são dialógicos, no sentido de que sempre necessitam uns dos outros para se definirem, sendo compreendidos no espaço de tensão em que reciprocamente se preenchem. Em função disso, ainda que, neste tópico, tenhamos o objetivo de falar principalmente sobre o conceito de enunciado e de ideologia – os quais, inclusive, estão sempre correlacionados –, também outras noções serão necessárias para aprofundar as questões, o que explica o fato de termos chamado este tópico sob a alcunha de *notas*.

³ Segundo noticiou, por exemplo, a *BBC News*, esses países estão entre os que mais tiveram taxa de letalidade e infecção. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-54390838>. Acesso em: 12 nov. 2020.

⁴ Parte deste texto é decorrente do curso dos dois primeiros autores na disciplina *Enunciado e ideologia: uma discussão bakhtiniana*, na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), em 2020/2, ofertada pela professora. Dra. Luciane de Paula, a quem agradecemos os apontamentos reflexivos e as provocações acadêmicas.

⁵ Beth Brait, notória estudiosa da filosofia bakhtiniana de estudo da linguagem, defende a denominação Análise Dialógica do Discurso (ADD) para as interpretações brasileiras concernentes ao pensamento engendrado pelo Círculo de Bakhtin.

A teorização do Círculo de Bakhtin define que o dialogismo é o princípio fundamental da linguagem. O termo se refere ao fato de os enunciados produzidos pelos sujeitos estarem sempre na esfera do discurso, ou seja, os interlocutores não percebem os signos como unívocos e abstratamente definidos, mas como posicionamentos valorativos acerca da realidade, os quais dialogam com outros posicionamentos já existentes, pois

Um enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação verbal de uma dada esfera. [...] Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são auto-suficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. [...] O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (a palavra "resposta" é empregada aqui no sentido lato): refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles. [...] Não podemos determinar nossa posição sem correlacioná-la com outras posições (BAKHTIN, 1997, p. 317).

Nessa compreensão, defende-se que todo enunciado reclama enunciados passados, ao mesmo tempo que antecipa enunciados futuros, sendo, portanto, um elo na cadeia da interação discursiva. Esse elo, como aponta Amorim (2006, p. 107), nada tem de harmônico. Conforme a autora, "Diálogo [...] é muito mais uma arena. Discussões, discordâncias, mas também um profundo entendimento. Mas é um entendimento que altera" (2006, p. 107). Essa alteração ocorre em função de as relações dialógicas, consoante a interpretação de Amorim (2006), empreenderem o processo de produção de sentido(s), permitindo que, mesmo no âmbito da concordância, alterações recíprocas entre os sujeitos ocorram nesse evento único e irrepitível que é a interação, o que evidencia a responsividade e o não alibi dos interlocutores na produção discursiva. O ato verbal, por conseguinte, é sempre uno/singular, pois decorre do fato de os sentidos sempre se construírem em um espaço de negociação por meio do qual, segundo Bakhtin (2017) e Sobral (2006), o sujeito empreende, irrepitivelmente, a

unicidade de seu ser, tonalizando o enunciado conforme seu posicionamento valorativo.

Essa singularidade é assegurada em decorrência do cronotopo, conceito que diz respeito às relações espaço-temporais que coagem a produção discursiva. Muito utilizado nos estudos literários, a noção tem sido aproveitada nos estudos discursivos com o fito de ser disparadora da compreensão de como se processa a tensividade dialógica entre as ideologias axiológicas em cada cronotopo. Assim, as relações espaço-temporais polemizam visões de mundo e de homem, refletindo-as e refratando-as no corpo do enunciado. Por isso, o cronotopo é elemento protagonista na concretização do matiz avaliativo empreendido pelos sujeitos por meio de seus enunciados.

O sujeito, nessa perspectiva, nunca é alguém atravessado pelas ideologias, mas constituído na e pela linguagem, sendo, na verdade, simbolicamente construído no âmbito da interação discursiva. Sob o viés do Círculo de Bakhtin, o sujeito é alguém dotado de responsividade e de autoria, pois arquiteta estrategicamente discursos, organizando-os conforme seu papel social e sua consciência, sob orientações cronotópicas que revelam sua singularidade axiológica frente a seu espaço-tempo. Essa arquitetura sempre é iluminada a partir da alteridade, ou seja, da relação que o sujeito tem com seus interlocutores, daquilo que ele supõe ser aceitável por aquele em função de quem elabora seu enunciado em um tempo e espaço específicos (cronotopo).

Assim, também o relacionamento entre os interlocutores é eivado de tensões, instauradas pelo dialogismo. Para Amorim (2006, p. 111), essa tensão "é constitutiva da criação humana, porque ela é o que atesta a presença do outro, daquele que não se identifica comigo, daquele que me escapa e a quem minha palavra se dirige", não sendo negativa nem algo que deva ser superado. Em corroboração a isso, Marchezan (2018, p. 123) acrescenta que o dialogismo é entendido "como reação do eu ao outro, [...] como ponto de tensão entre o eu e o outro, entre círculos de valores, entre forças sociais". Por isso, o sujeito está sempre valorando a realidade

em função daquele para quem enuncia, na tentativa não de que este assuma seu posicionamento tal como proferido, mas que adira aos discursos confrontados na interação.

Consoante Volóchinov (2018), é esse relacionamento entre enunciados que torna a ideologia perceptível, não no sentido de que a acessamos em sua integralidade através dos enunciados, pois o enunciado é sempre um enviesamento da ideologia. A percepção ideológica é sempre ancorada na relação dos sujeitos cronotopicamente construída, ou seja, é singularizada. Assim, seria o estudo sociológico da linguagem que permitiria analisar sua verdadeira face, já que linguagem e ideologia são duas simbologias amalgamadas. Para aquele autor, nem o objetivismo abstrato nem o psicologismo idealista dão conta do estudo da ideologia, uma vez que a consideram com certa idealização, não conseguindo atingir seu ponto de análise. Assim, é a Filosofia da Linguagem, segundo defende Volóchinov (2018), a perspectiva capaz de permitir a assunção da ideologia em sua vida social concreta.

Já que é o estudo da linguagem que possibilita a análise da ideologia, defende Volóchinov (2018) que é a palavra, tomada como signo verbal, que carrega toda a vida ideológica social. "*Onde não há signo não há ideologia*" (VOLÓCHINOV, 2018, p. 91, grifo do autor). Nesse sentido, aquele que deseja analisar a ideologia necessita tomar como parâmetro o estudo dos signos verbais, já que é a linguagem que carrega consigo a historicidade

das relações humanas ao mesmo tempo que as atualiza, singularizando-as. Inclusive, a mudança ideológica confunde-se com a historicidade da linguagem.

Essa visão permite entender que o signo verbal não é um simples tradutor da realidade. Pelo contrário, conforme Volóchinov (2018), a linguagem reflete e refrata a ideologia social. Por isso, o signo concretiza uma tonalidade valorativa do sujeito acerca da realidade (dimensão axiológica). Ocorre, portanto, um processo de distorção, o qual é responsivamente arquitetado pelo enunciador em seu cronotopo, considerando sua consciência discursiva, o papel social que desempenha e aquele com quem interage.

Nessa percepção, o enunciado, elo da cadeia discursiva, é aquilo que manifesta concretamente a posição do enunciador acerca da realidade. Isso quer dizer que a ideologia só se apresenta via enunciado, de modo que não há produção enunciativa neutra, pois não há álibi para o sujeito. Ao tomar a palavra, ele não está utilizando um mecanismo de um sistema abstrato, mas tomando uma posição axiológica frente às ideologias dominantes em seu cronotopo. A ideologia, portanto, revela-se na tensão discursiva do enunciado, tendo em vista que, ao tomar o signo verbal, o sujeito, como dissemos, dialoga com discursos passados e futuros, frente aos quais assume uma tonalidade (VOLÓCHINOV, 2018), a qual sempre é tensivamente contornada.

Novais (2008) sintetiza os pressupostos do Círculo de Bakhtin, conforme se nota abaixo no Quadro 1:

QUADRO 1 – Pressupostos da teorização bakhtiniana acerca da língua

Perspectiva Bakhtiniana

A língua é uma...	realidade viva e em evolução.
As leis da língua são...	de natureza social; dialogizantes.
A ligação entre os elementos linguísticos é vista como...	ideológica; um amalgamar de significados e efeitos de sentido; orientada pelo contexto.
Realidade linguística é	interação verbal realizada através da enunciação
Concepção histórica da língua é	produto de uma interação socialmente situada.
Representantes	Bakhtin
Raízes	Marxismo Materialismo dialético

Assim, a proposta bakhtiniana de estudo da linguagem entende o enunciado como a unidade básica de análise. O Círculo de Bakhtin realiza uma crítica aos estudos formalistas que pensavam a língua como um sistema autônomo. Para esse grupo de pensadores, o estudo da linguagem só atingiria sua verdadeira linha filosófica quando permitisse uma análise sociológica, chegando à vida da linguagem em sua concretude. Nesse amparo, conforme Silva e Almeida (2013, p. 120), percebe-se a linguagem a partir de

um caráter verdadeiramente social, carregado de ideologia, história e vivências cotidianas [...] que se realiza dentro das práticas sociais, nos mais diferentes grupos, nos mais diversos e infinitos momentos, em todas as formas de comunicação (SILVA; ALMEIDA, 2013, p. 120).

Nesse sentido, tendo as relações dialógicas como princípio fiador da linguagem, Bakhtin (1997) propõe o cotejo como possibilidade de elaboração analítica que permite convocar, frente a frente, as ideologias que se embatem no enunciado. Seria, então, essa a principal função de uma análise que se quer dialógica. A fim de detalhar isso e de descrever nossa metodologia, construímos o tópico a seguir.

O cotejo como princípio metodológico da Análise Dialógica do Discurso

Neste artigo, como mencionado, busca-se empreender uma análise dialógica dos discursos ecoados em tirinhas da personagem Rã Zinza. Essa heroína foi criada por Rafael Marçal, quadrinista brasileiro autor de vários personagens. Cada um deles tem história e características próprias, porém o que os une é a manifestação de críticas sociais.

Rã Zinza, por exemplo, é uma personagem que tem como característica principal, segundo seu próprio criador, o mal humor através do qual notabiliza as incoerências e os paradoxos sociais. Assim, cronotopicamente, o autor singulariza nosso espaço-tempo como lugar de contrariedades. Uma vez que aqui nos interessa observar

de que maneira a ideologia é refletida e refratada nos enunciados que tratam sobre a temática da pandemia de Covid-19, selecionamos quatro tirinhas de Marçal. Esse recorte decorre de essa ter sido a quantidade de publicações realizadas por Marçal acerca daquela temática.

No tocante à questão de direitos autorais, ressaltamos que Rafael Marçal, no portal onde publica suas produções,⁶ manifesta seu consentimento livre e esclarecido acerca da utilização de suas produções para análises acadêmicas e/ou escolares, desde que haja menção de seu nome como autor. No mesmo sítio virtual, há a informação de que todo o conteúdo produzido pelo quadrinista é licenciado com uma *Licença Creative Commons* versão 3.0, sob atribuição para fins não comerciais sem adaptações.

Quanto à construção da metodologia, aqui nos valem das noções da Análise Dialógica do Discurso, principalmente no que se refere aos conceitos de enunciado e ideologia. Porém, como viemos discutindo, as noções propostas pelo Círculo de Bakhtin complementam-se. Isso porque, como bem discute Amorim (2004), ao se fazer uma análise dialógica do discurso, o analista precisa ter em mente quem é o sujeito enunciativo, qual gênero do discurso arquiteta o enunciado, em que cronotopo se dá a interação e, principalmente, que ideologias e discursos são (re)velados na enunciação.

Nesse sentido, as escolhas analíticas de quem se ampara na ADD devem se pautar no cotejo, definido pelo próprio Bakhtin (1997, p. 404) da seguinte maneira: "Toda palavra (todo signo) de um texto conduz para fora dos limites desse texto. A compreensão é o cotejo de um texto com os outros textos". Assim, o cotejo diz respeito à alteridade do enunciado, ou seja, à presença, transparente ou velada, do(s) outro(s) em função de quem tonalizamos os signos, o que revela as diferentes vozes ideológico-discursivas que se correlacionam, entrecruzam-se e se embatem enunciativamente.

Ainda, segundo Bakhtin (1997, p. 404), é o cotejo

⁶ A produção do autor está disponível em: <https://vacilandia.com>. No mesmo sítio, pode-se ter acesso ao termo de consentimento livre e esclarecido realizado pelo autor. Ressaltamos que nosso último acesso ocorreu em 13 nov. 2020.

que faz surgir "a luz que aclara para trás e para frente, fazendo que o texto participe de um diálogo", ou seja, ele é a lente que permite entender quais enunciados são (re)apresentados e quais são antecipados, concretizando sua imersão no elo da cadeia interativa. Nesse sentido, o ato de cotejar, sob o universo filosófico bakhtiniano, permite a evidência do princípio dialógico da linguagem, não no sentido de comprová-lo, já que, na orientação daqueles pensadores, o dialogismo é um pressuposto, mas na tentativa de pôr frente a frente as ideologias que, na arena discursiva, enfrentam-se na enunciação. Como bem metaforiza Gonçalves (2008), o cotejo é o ato analítico que angaria a visualização da eclosão das ideologias no enunciado. Pautados nesse princípio, ao longo da análise que empreendemos, será necessário pôr em embate os enunciados das tirinhas de Rafael Marçal com outros que convirjam ou divirjam ideológico-discursivamente da tonalidade proclamada por aquele autor por meio da heroína Rã Zinza.

Com Paula e Luciano (2020a, 2020b), é importante ressaltar, principalmente porque analisaremos tirinhas, gênero cuja verbivocovisualidade é flagrante, que, seguindo o princípio bakhtiniano, à ADD, interessa a análise da linguagem não somente em sua dimensão verbal, mas em todas as semioses que se manifestam significativamente no processo de produção de sentidos. Nesse sentido, ancorados nos escritos do Círculo de Bakhtin, Paula e Luciano (2020a, 2020b) defendem que todo enunciado produz sentido considerando as dimensões verbais, vocais e visuais da linguagem. Obviamente, há gêneros em que impera mais uma ou outra dimensão, mas é somente a evocação a elas que concretiza a eclosão da percepção ideológica no enunciado. A seguir, apresentamos o cotejo analítico objetivado neste artigo.

Cotejo analítico das produções discursivas

A priori, é necessário fazer uma análise do próprio nome da personagem protagonista das

tirinhas que analisaremos. Considerando a dimensão verbivocovisual do enunciado (PAULA; LUCIANO, 2020a, 2020b), é possível perceber que o nome forma um trocadilho intencional que remete à palavra *ranzinza*, o que já empreende hipóteses à leitura de um interlocutor. Ao pesquisarmos na versão online do dicionário *Houaiss*,⁷ o termo é sinônimo de pessoa que é rabugenta, mal-humorada, teimosa, birrenta. Ao dar o nome Zinza à rã, percebe-se que Marçal buscou suscitar a inferência de uma personagem com características estereotipadas de uma pessoa ranzinza.

Para isso, o autor se utiliza de um gênero discursivo cuja arquitetônica é marcada pela ironia. Conforme podemos pressupor da teorização de Bakhtin (1997) e das contribuições empreendidas por Rojo e Barbosa (2015), ao nos comunicarmos, responsivamente, selecionamos e empregamos o gênero que melhor atende às projeções discursivas as quais buscamos enunciar. Nesse sentido, o gênero, ao apresentar uma arquitetônica que organiza o enunciado, configura-se como o engendramento que possibilita a revelação da singularidade, da irrepetibilidade do enunciado.

A tirinha compõe, em nosso modo sociocultural de interação, a construção de um humor pensado para ironizar situações próprias do cotidiano, permitindo a reflexão acerca do que é ironizado, o que evidencia incoerências de nosso cronotopo. Nesse sentido, o nome *Rã Zinza* dado à personagem revela um enunciado que já evidencia, por si, o sarcasmo crítico e irônico próprio dessa heroína. Tal consideração aponta, conforme Bakhtin (1997), que a personagem Zinza é uma face do autor. Vale ressaltar que Rafael Marçal, em suas redes sociais⁸, normalmente enuncia ser um sujeito tímido. Suas personagens, nesse sentido, constroem um sujeito de discurso que permite ao autor se travestir e enunciar críticas à conjuntura social na qual vive. Por meio de Rã Zinza, Marçal, exotopicamente, tem a possibilidade de revelar críticas sociais a partir da arquitetônica do gênero discursivo tirinha, tal como o tipifica Magalhães (2006).

⁷ RANZINZA. In: *Grande dicionário Houaiss*. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br>. Acesso em: 21 dez. 2021.

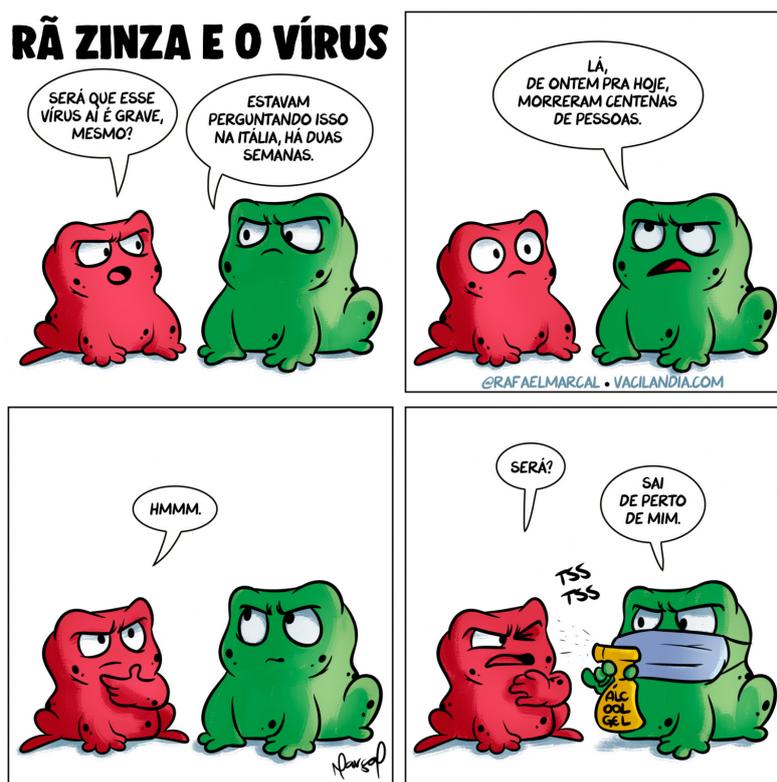
⁸ Pode-se ter acesso ao perfil profissional do autor na rede social *Instagram* através do link <https://instagram.com/rafaelmarcal?igshid=bujbojnviuvm>. Acesso em: 23 nov. 2020.

Inclusive, essa hipótese se confirma quando lemos a descrição da personagem apresentada pelo autor, a saber: "Uma rã mal-humorada mostrando os paradoxos da opinião coletiva em sociedade... Ou só reclamando mesmo" (MARÇAL, [2021]). Nesse sentido, podemos inferir que, de fato, o mau humor próprio da personagem, enunciado já em seu nome, objetiva criticar questões sociais, revelando o processo de luta de classes próprio do emprego da linguagem, conforme explicita Volóchinov (2018).

Como dissemos, ao longo do período de pandemia, o autor publicou quatro tirinhas da personagem Rã Zinza. A primeira delas, a seguir

apresentada, foi publicada em 16 de março de 2020, quando o país iniciava seu isolamento social rígido obrigatório. Nela, a heroína interage com sua amiga Rã Nheta, personagem que, assim como a protagonista, também apresenta um trocadilho em seu nome, o qual remete à palavra *ranheta*, adjetivo que caracteriza pessoas rabugentas, mal-humoradas, impertinentes e lamuriosas. Dialogando com o texto que analisaremos com outras publicações de Marçal da mesma personagem, nota-se que Rã Nheta é alguém que faz perguntas aparentemente óbvias à Rã Zinza, que, por sua vez, sempre responde com sarcasmo e ironia à amiga.

Figura 1 – Rã Zinza e o Vírus



Fonte: Marçal (2020).

A tirinha inicia com a pergunta de Rã Nheta acerca da gravidade do novo coronavírus. O enunciado da personagem faz ecoar outros que, naquele cronotopo, fervilhavam. Inicialmente, por conta dos poucos estudos acerca do novo coronavírus, muitas pessoas duvidavam de sua gravidade, embora os números de contaminação e de mortes causadas

pela ação e consequência da Covid-19 em países como China e Itália já apontassem para o perigo que a doença representava ao organismo humano.

A pergunta de Nheta presente no primeiro quadrinho, nesse contexto, dialoga com ideologias e representa toda uma população que duvidava da gravidade de um vírus que já se demonstrava de-

vastador para populações de países desenvolvidos. A personagem, inclusive, mesmo sendo apresentada aos fatos e dados numéricos enunciados por Rã Zinza, prefere continuar duvidando, o que revela sua cegueira diante das verdades que escutava. Tal posicionamento, inclusive, é reforçado por suas expressões faciais na tirinha, sempre impressionada e duvidosa.

Rã Zinza, por sua vez, é representante de uma parcela populacional que já apresenta uma precaução em relação aos possíveis perigos que a Covid-19 arrolava para o Brasil. Como dissemos, a personagem, na tirinha, sempre responde verbalmente à amiga com dados verídicos, ao mesmo tempo que, ao ser interpelada por Rã Nheta, expressa-se facialmente a partir de signos que evidenciam sua impaciência e seu mal humor com a incredulidade de sua interlocutora, o que, atrelado a seus enunciados verbais, marcam sua posição axiológica em defesa da proteção e das precauções necessárias a serem tomadas ao longo da vigência da pandemia. Além disso, no último quadrinho da narrativa, Rã Zinza parece desistir de apresentar fatos à amiga e começa a utilizar equipamentos de proteção individual, como máscara e álcool em gel, os quais se tornaram rotineiros em nossa vida. Esses signos representam as providências tomadas pela população brasileira que se antecipava às orientações dos profissionais da saúde e da própria

Organização Mundial da Saúde (OMS).

Uma observação importante a ser feita na tirinha é, ainda, o fato de que Rã Zinza, ao invés de aplicar álcool em gel nas mãos, jorra o líquido em Rã Nheta. Essa ação representa, no contexto da tirinha, que, para aqueles que começam a se precaver contra o vírus, a incredulidade das pessoas que duvidavam dos fatos representa um perigo viral a ser combatido. Isso porque, no Brasil, inclusive no contexto de publicação da tirinha, *fake news* viralizavam nas redes sociais e eram proliferadas pelos usuários na tentativa de diminuir a iminência do caos instaurado pela propagação do vírus no país.

Ademais, vale ressaltar a expressão "sai de perto de mim", no último quadrinho, a qual promove a inferência de que Zinza não quer ficar próxima de Nheta para não se contaminar, mas também remete à necessidade de isolamento, defendido por uma parte da população, mas negado pelos incrédulos da pandemia (ambivalência semântica).

Na segunda tirinha publicada acerca do contexto pandêmico, a personagem Rã Zinza é apresentada em uma espécie de monólogo, resmungando, o que reforça seu estereótipo antipático e mal-humorado. Tais traços de caráter, porém, são utilizados para orientar e conscientizar o leitor acerca do uso correto de máscara de proteção facial, como podemos ver a seguir.

Figura 2 – Rã Zinza e o Essencial



A tirinha evidencia Rã Zinza impaciente com quem não utiliza a máscara corretamente, expondo-se ao vírus e potencializando o processo de contaminação. Para isso, além das expressões faciais zangadas da personagem, o enunciado verbal se vale da interdiscursividade com *O Pequeno Príncipe*, de Antoine Saint-Exupéry (1943),⁹ ressignificando a famosa frase da obra: "o essencial é invisível aos olhos".

Esse processo intertextual, como pressupõem as relações dialógicas, não é uma reprodução do enunciado d'*O Pequeno Príncipe*; na verdade, realiza uma ressignificação, produzindo um sentido singular ao enunciado do romance, de maneira que, na interação, os enunciados, ainda que se conectem discursivamente, seja em um espaço de convergência, seja em um espaço de divergência, sempre se transformam reciprocamente dentro do elo discursivo da cadeia interativa, como explicita Amorim (2018). Rã Zinza, então, ao reproduzir a frase, axiologicamente, atribui-lhe um novo sentido, afirmando que, no contexto pandêmico, o essencial, que significa cuidar de si mesmo e dos semelhantes, deve, mais que nunca, ficar invisível aos olhos. Nesse caso, a personagem se refere, obviamente, ao nariz, que deve ser coberto pela máscara de proteção facial.

No enredo d'*O Pequeno Príncipe*, o enunciado é proferido em uma conversa com o Aviador – a partir da anedota do Pequeno Príncipe e da Raposa, quando o protagonista, ao se relacionar com a Raposa, consegue, finalmente, entender sua

relação com a Rosa quando aquela lhe diz que amor e cuidado são invisíveis aos olhos, porque são os gestos, as ações, mais do que as palavras, o que os concretizam. O amor, propriamente dito, é invisível do ponto de vista verbal, ainda que seja tangível do ponto de vista sócio. No cronotopo pandêmico, o amor e o cuidado propostos por Zinza são manifestados quando se utiliza a máscara de maneira correta, configurando-se como essenciais, o que dialoga com o título da tirinha, ou seja, o essencial, para Zinza, é proteger-se a si e ao outro. Essa atitude concretiza o amor, tal qual aquele que o Pequeno Príncipe nutria por Rosa.

No último quadrinho, nota-se também uma crítica à população que se nega a usar a máscara ou a usa inadequadamente (nariz para fora). A sequência "Mas o seu nariz pra fora todo mundo vê", aliada às expressões faciais de Rã Zinza, nos leva a crer uma filiação da personagem à parcela populacional que acredita no uso da máscara como forma de proteção contra a Covid-19 (movimento de convergência) e, em concomitância, demonstra oposição ao outro grupo que nega o uso (movimento de divergência). O tom da referida expressão é de repreensão ao ato de negar o uso. O jogo linguageiro instaurado pelos termos "invisível" (referência à fala do Pequeno Príncipe – segundo quadrinho) e o visível (todo mundo vê – último quadrinho) elucida o posicionamento da personagem diante da pandemia.

Na terceira produção no contexto pandêmico, temos, mais uma vez, uma conversa entre Rã Zinza e Rã Nheta, como pode ser visto a seguir.

⁹ O livro foi escrito e publicado pelo escritor, ilustrador e aviador francês Antoine Saint-Exupéry em 1943, que, durante a Segunda Guerra Mundial, exilou-se nos Estados Unidos. Atualmente, é um dos livros mais traduzidos e com mais adaptações e ressignificações do mundo.

Figura 3 – Rã Zinza e a Tragédia



Fonte: Marçal (2020).

A tirinha apresenta como título *Rã Zinza e a Tragédia*. Assim como na primeira produção, Rã Nheta é esboçada com traços de pessoa atrapalhada, enunciando convicções para as quais Rã Zinza sempre tem argumentos sólidos para refutar. A situação é iniciada com a protagonista fazendo reclamações e resmungos, o que vai ao encontro de sua personalidade rabugenta, como descrita em sua apresentação, além de isso refletir uma parcela da população brasileira que compactua com uma determinada visão da pandemia.

Diferentemente da outra tirinha, Rã Nheta, mesmo com uma expressão um tanto incrédula acerca da gravidade da pandemia, parece não poder mais refutar a realidade com que se depara e afirma ser uma tragédia os fatos resmungados pela amiga. Rã Zinza, como de costume, discorda de sua interlocutora, considerando que, na verdade, as pessoas que não se protegem e, conseqüentemente, são potenciais focos de contaminação do vírus, não representam uma tragédia, mas sim uma seleção natural.

Ao utilizar o signo *seleção natural*, Rafael Marçal, por meio da personagem heroína da tirinha,

realiza dialogicidade com o darwinismo, hipótese segundo a qual, na natureza, somente os seres vivos que conseguem se adaptar às mudanças naturais desenvolvem habilidades para manter sua espécie. Nesse contexto, o enunciado, como em qualquer relação dialógica, ressignifica aquela hipótese no contexto pandêmico: caso as pessoas que fazem compras nos shoppings sejam atingidas fatalmente pela doença, aqueles que se protegeram irão sobreviver, comprovando sua consciência e capacidade para viver em tempos de pandemia. Além disso, Rafael Marçal insere, nos olhos de Rã Zinza, ironicamente, um símbolo que remete à morte, fim último da seleção natural para aqueles que não se adaptaram ao novo cenário imposto pela natureza.

Interessante analisar que Rã Zinza afirma isso em um contexto interacional com Rã Nheta, personagem que, segundo analisamos na primeira tirinha, alegoriza justamente aquelas pessoas que duvidam da potencialidade fatal da Covid-19. Nesse sentido, Rã Zinza, na verdade, afirma para a figura dos incrédulos que eles não estão devi-

damente adaptados para a vida atual. Inclusive, ao dizer que as pessoas saem para fazer compras no shopping, compõe-se a imagem de um grupo de sujeitos que se preocupam com futilidades, coletivo ao qual a protagonista se opõe.

A última tirinha publicada com a temática da pandemia tem como título *Rã Zinza e a Empatia*. Muito em voga na atualidade, a palavra *empatia*, segundo a versão *online* do dicionário Houaiss¹⁰, remete à "Ação de se colocar no lugar de outra pessoa, buscando agir ou pensar da forma como

ela pensaria ou agiria nas mesmas circunstâncias". Nesse sentido, ao empregar esse signo no título, o autor indicia para o leitor um momento em que Zinza, supostamente, adotaria uma posição empática frente a algum semelhante, o que, em maior ou menor medida, vai de encontro aos traços estereotipados da personagem, vista como alguém antipática, mal-humorada, implicante. Nesse sentido, o título da tirinha remete a um questionamento: como seria Rã Zinza em uma versão empática? O texto é apresentado a seguir.

Figura 4 – Rã Zinza e a Empatia



Fonte: Marçal (2020).

Novamente considerando o pressuposto verbivocovisual do enunciado (PAULA; LUCIANO, 2020a, 2020b), na tirinha em análise, a dimensão visual, ao lado da verbal, salta aos olhos, se observamos a expressão facial de Zinza nos quadrinhos em que aparece. Nos dois primeiros, vemos a manutenção de seu estereótipo mal-humorado,

inclusive porque fala de algo com o que não simpatiza: pessoas que intencionalmente não usam máscara de proteção facial ou a utilizam de maneira equivocada. Essa expressão facial, porém, destoa de como a personagem é apresentada no terceiro quadrinho, com uma feição mais alegre e branda. Apesar disso, chama atenção os olhos

¹⁰ EMPATIA. In: **Grande dicionário Houaiss**. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em 21 dez. 2021.

de Zinza estarem fechados, o que remete a um certo sentimento de superioridade, o qual muito pode ser ocasionado pelo fato de a personagem se sentir empática. Já que sua principal marca é a antipatia, agora, Zinza se sente melhor por ser alguém que se preocupa e compreende o outro, mesmo em uma situação em que não concorda com o comportamento do semelhante.

Essa linguagem facial explicita sua verdadeira intenção quando o leitor se depara com o último quadrinho: mesmo quando empática, Zinza não perde sua capacidade irônica. O último quadrinho, onde mais se explora a verbivocovisualidade da linguagem (PAULA; LUCIANO, 2020a, 2020b), apresenta um animal bovino que é incapaz de bem colocar a máscara em seu rosto em decorrência de não ter o polegar opositor, fundamental para os seres humanos, que propicia à colocação da proteção facial frente à boca e ao nariz - no caso em questão, ao focinho.

A escolha da representação de um bovino, obviamente, nada tem de irrefletido, inclusive porque outros animais, também quadrúpedes, não possuem polegares opositores. Como bem apresenta Volóchinov (2018), toda palavra tem significação, mas, ao ser enunciada pelo sujeito em dada circunstância cronotópica, ela se torna um signo, veículo de uma ideologia, carregando consigo toda a força social com a qual se tensiona, ao mesmo tempo comprometendo o sujeito em relação à cadeia discursiva em que se insere. Se dialogamos com o animal representado na tirinha com alguns memes de redes sociais, por exemplo, tal responsividade (BAKHTIN, 1993), em sua dimensão de não álbi (VOLÓCHINOV, 2018) se torna clara.

Figura 5 – Meme *Eu sou gado do Bolsonaro*



Fonte: Captura de tela no site *Museu de Memes*.¹¹

Figura 6 – Meme *Bolsonaro salvou o Brasil*



Fonte: Captura de tela no perfil "Eu sou gado do Bolsonaro", no Facebook.¹²

Nas redes sociais, como provocação, a população à esquerda do espectro político vem empregando o termo *gado* para se referir ao eleitorado de direita que defende e apoia o presidente Jair Messias Bolsonaro. Desse modo, podemos inferir que a utilização signica de um bovino para representar alguém que não consegue utilizar a máscara entra na cadeia da interação discursiva, tal como teorizam Volóchinov (2018) e Bakhtin (1997), remetendo ao próprio presidente e a seus apoiadores. Tal posicionamento, sempre axiológicamente responsivo, revela uma ideologia do autor, que parece querer, por meio do seu enunciado, ridicularizar os apoiadores de Bolsonaro, bem como o próprio presidente, evidenciando sua antipatia por esses sujeitos.

¹¹ Disponível em: <https://www.museudememes.com.br/sermons/eu-sou-um-gado-do-bolsonaro>. Acesso em: 9 out. 2020.

¹² Disponível em: https://www.facebook.com/Eu-sou-gado-do-Bolsonaro-102348034790818/?ref=py_c. Acesso em: 9 out. 2020.

Além disso, ao longo da primeira onda de Covid-19 no Brasil, a mídia também veiculou notícias ironizando o fato de o presidente não saber usar o equipamento de proteção individual. Nesse contexto, houve manchetes que focalizavam a contrariedade de Bolsonaro a médicos e a especialistas em saúde sobre a eficácia da máscara na proteção à contaminação. Em 29 de maio de 2020, por exemplo, o jornal *Folha de São Paulo* publicou notícia com a seguinte manchete: "Bolsonaro e apoiadores abandonam máscara, e DF ignora decreto ao não aplicar multa".¹³ O portal *Poder 360*, por sua vez, em 27 de junho de 2020, um dia antes da publicação da tirinha que ora analisamos, destacou: "Bolsonaro tira foto sem máscara ao lado de crianças e idosos em Minas".¹⁴ Esta última manchete aponta para o fato de o presidente não utilizar proteção e, ainda, expor idosos, grupo de risco da doença. Em 18 de março de 2020, momento coincidente com a decretação do isolamento social na maioria dos estados brasileiros, o portal de notícias do *Uol*¹⁵ publicizou imagens do presidente com a máscara mal colocada em evento.

Nesse sentido, o que podemos perceber é que, ao utilizar um bovino para representar um sujeito que não consegue colocar a máscara, Rafael Marçal, por meio da heroína Zinza, na verdade, ironiza os eleitores e apoiadores do presidente. Inclusive, ainda na mesma tirinha, percebemos que o animal é apresentado com traços de alguém atrapalhado, pouco capacitado para colocar uma máscara no próprio rosto. Depreendemos disso, então, que são ressaltadas, na tirinha, características que o autor acredita serem representativas daqueles que elegeram e apoiam Bolsonaro, bem como do próprio presidente: acriticidade, incapacidade para fazer coisas simples e ataque ao conhecimento científico. Ainda, uma interpretação possível, baseada no olhar do animal e na saliva que escorre de sua boca, é o diálogo com a síndrome da vaca louca, remetendo à loucura

e à falta de capacidade crítica para refletir e viver em um contexto pandêmico.

Nessa conjuntura, a pergunta que fizemos inicialmente acerca de como seria a versão empática de Zinza se responde da seguinte maneira: na verdade, sua empatia é revestida pela crítica e pelo descontentamento com a conjuntura política do país, a qual, inclusive, reverbera em outras frentes, como na crise sanitária vivenciada no Brasil na realidade pandêmica, acirrada pela polarização entre aqueles que, orientados pela ciência, tomavam as medidas de precaução, por isso eram vistos como pessoas de esquerda, e aqueles que, guiados pelo presidente, desrespeitavam as precauções sanitárias, consonantes com um projeto político de direita proposto por Bolsonaro.

Além disso, é possível notar que a imagem bovina, por meio dos olhos virados e da baba que escorre de sua boca, remete à loucura, à insensatez, à irracionalidade, à falta de lucidez. Essas características conferem esses mesmos traços à população representada no último quadrinho, pessoas, portanto, acriticas, que não questionam os acontecimentos sociais e tampouco a postura do presidente. Tal postura acritica pode ser reforçada pela escolha do enunciado verbal "Não tem polegares opostos". Ainda, a falta desse traço evolutivo relaciona-se dialogicamente com a tirinha anteriormente publicada, aqui também analisada, já que o enunciado fala sobre a questão da seleção natural e da sobrevivência daqueles adaptados às novas imposições naturais. Para além disso, na tirinha agora analisada, essa seletividade não ocorre somente no âmbito biológico/físico, mas também na esfera sociológica, na medida em que o sujeito que tem capacidade crítica para viver em um contexto em que o chefe de Estado não empreende medidas eficazes contra uma pandemia é que sobreviverá.

Inclusive, ao percebermos a combinação entre a cor da máscara e a do sino, a dialogicidade do

¹³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/bolsonaro-e-apoiadores-abandonam-mascara-e-df-ignora-decreto-ao-nao-aplicar-multa.shtml>. Acesso em: 9 nov. 2020.

¹⁴ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-tira-foto-sem-mascara-com-criancas-e-idosos-em-minas-gerais>. Acesso em: 9 nov. 2020.

¹⁵ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/18/coronavirus-momentos-bolsonaro-ministros-uso-errado-da-mascara.htm>. Acesso em: 9 nov. 2020.

enunciado se mostra ainda mais saliente. Azul, cor daquela, e amarelo, cor deste, são tonalidades utilizadas excessivamente pelo presidente, inclusive em suas campanhas e aparições públicas, sendo, ainda, os matizes mais aproveitados pelo partido de que Bolsonaro fazia parte quando eleito, o Partido Social Liberal (PSL). Combinadas com o branco da pelagem do bovino, as cores remetem à bandeira nacional, salientando o forte nacionalismo do bovino e utilizado por Bolsonaro para se eleger e para fazer seus apoiadores aderirem a suas propostas. Essas colorações, nessa conjuntura, reforçam a interpretação responsiva de que o animal na tirinha é visualmente metafórico de alguém que representa e acredita no projeto neoliberal do presidente.

Calcados nessa compreensão, a tirinha revela, assim, dois posicionamentos político-partidários, axiologicamente aderindo a um e ridicularizando o outro: o de alguém que sabe usar a máscara e, por isso, no cronotopo pandêmico brasileiro, apoia um projeto de esquerda, voltado para a proteção da população, representado alegoricamente por Rã Zinza; em oposição a este, o de alguém que não sabe se proteger sozinho e, conseqüentemente, não acredita na gravidade do vírus, por isso apoia o presidente e seu projeto de extrema direita, representado pela figura do gado.

Se consideramos a maneira como essa tirinha dialoga com as demais, podemos pensar que Rafael Marçal, ao representar a direita – ou a extrema direita – através da alegoria do gado, empreende uma crítica ainda mais feroz e provocativa, tentando atingir cirurgicamente os apoiadores de Bolsonaro. Antes, ele fazia isso através de Rã Nheta; agora, prefere subtrair da alegoria pessoas que possivelmente, assim como esta personagem, não têm acesso à orientação devida. Na tirinha, o autor evidencia seu não álibi em direção àqueles que apoiam o presidente mesmo quando este possivelmente toma decisões não refletidas e não baseadas nas orientações de especialistas.

Como todo discurso se elabora didaticamente em função do interlocutor (BAKHTIN, 1997, 2017), Rã Zinza, ao discursivizar seu sarcasmo, constrói seu enunciado afirmando-se empática para com

aquele que não tem sequer capacidade de pôr a máscara no rosto, em função da falta de um polegar opositor. Ao fazer isso, a personagem, então, retira o traço humano daquele com quem interage, pois o polegar opositor foi um dos traços que promoveu a evolução do *homo sapiens*. Nesse sentido, a falta dessa marca evolutiva, a nosso ver, alegoriza traços que transformam aqueles contra quem Rã Zinza se coloca em não-humanos: falta de capacidade de pensar, incapacidade de interagir satisfatoriamente e de forma empática, a qual também exige uma capacidade cognitiva para colocar-se no lugar de outrem.

Nesse sentido, as tirinhas aqui analisadas ecoam vozes discursivas que caracterizam o cronotopo pandêmico brasileiro. É importante ressaltar que, no Brasil, esse contexto espaço-temporal não foi somente caracterizado pelo número de infecções e mortes por Covid-19. Para além disso, aquele contexto reverberou a polarização político-partidária que, pelo menos de maneira mais evidente, caracteriza o Brasil desde o processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Se consideramos que o cronotopo, tal qual teorizam Bakhtin (1998) e Amorim (2006), revela uma visão de mundo e, portanto, uma visão de homem, nessa esteira, o cronotopo pandêmico brasileiro revela uma polarização político-partidária através da qual aqueles que se colocam à esquerda do espectro político tomam precauções e obedecem às orientações de especialistas para prevenir o avanço da Covid-19 no Brasil, enquanto aqueles que se dizem de extrema direita minimizam a doença, concordando com os enunciados do presidente de que, na verdade, há uma tentativa de dificultar o governo de Bolsonaro por meio da decretação de isolamento social.

As tirinhas, portanto, revelam, ao mesmo tempo, o posicionamento de Rafael Marçal em relação aos cuidados sanitários e à sua postura político-partidária, conseqüentemente à luta de classes que caracteriza o cronotopo pandêmico brasileiro: em seus enunciados, por meio da heroína Rã Zinza, o autor afirma a importância do uso de equipamentos de proteção individual,

como máscara e álcool em gel, inclusive publicizando, nos enunciados, essas medidas de uso; revela, ainda, a relevância do distanciamento social tantas vezes inferiorizado por uma parcela da população em relação à eficácia contra o avanço da doença; concomitantemente, o autor posiciona sua contrariedade e descontentamento com medidas, opiniões e atitudes tomadas pelo presidente Jair Bolsonaro para conter o avanço da doença, evidenciando que aqueles que concordam com o chefe de Estado são pessoas acrílicas em relação aos fatos que se impõem concretamente. Desse modo, evidencia-se, nas criações de Rafael Marçal neste espaço-tempo, também a relação reflexiva e refratária, consoante Volóchinov (2018), das ideologias presentes neles e na vida social brasileira.

Considerações finais

Neste artigo, tivemos como objetivo principal analisar tirinhas da personagem Rã Zinza, de autoria de Rafael Marçal, que tematizassem a pandemia de Covid-19 no cronotopo brasileiro. Para isso, utilizamos como baliza teórica, principalmente, os conceitos de enunciado e ideologia como formulados pelo Círculo de Bakhtin. Metodologicamente, utilizamos o escopo da ADD e do princípio verbivocovisual da linguagem para realizar o cotejo analítico de quatro produções publicadas por Marçal acerca da referida pandemia.

O cotejo analítico empreendido permitiu perceber que, no cronotopo pandêmico brasileiro, ideologias de esquerda e de direita se embatem acerca da crença do perigo do vírus à vida humana. Enquanto a parcela populacional à esquerda do espectro político se protege conforme orientações científicas com o objetivo de bloquear o avanço do vírus, sua antagonista minimiza os efeitos da pandemia, contrariando as recomendações de especialistas. Ao mesmo tempo, tais comportamentos revelam também uma posição político-partidária que caracteriza o Brasil principalmente desde 2016: a esquerda, que, em geral, defende a adoção das precauções recomendadas pelos cientistas, evidencia sua contrariedade ao atual presidente brasileiro, enquanto a direita, ao

se opor a crer nos fatos apresentados, revela sua filiação às atitudes de Jair Bolsonaro.

Nesse sentido, torna-se claro que, nas tirinhas de Rafael Marçal, ecoam diferentes vozes ideológico-discursivas que se embatem por via da linguagem. As escolhas signícas estrategicamente responsivas empreendidas pelo quadrinista manifestam sua afeição por ideologias de esquerda e sua tentativa de ridicularizar a direita brasileira, que prefere crer na opinião do presidente, que não é especialista em saúde nem em epidemiologia, a seguir pelas orientações de autoridades científicas. Vemos, nesse sentido, que, embora as relações dialógicas sejam intrínsecas à linguagem, no enunciado, o autor sempre será alguém que assume posições axiológicas pendentes para sua crença ideológica – não há álibi para o sujeito, portanto.

Ainda, é importante ressaltar que esse cotejo permitiu perceber que o cronotopo pandêmico brasileiro evidencia uma visão de um sujeito coletivo que se vê em um processo de polarização político-partidária a qual reverbera em todos os âmbitos sociais, inclusive na defesa da vida humana em um momento de pandemia, quando essa luta entre esquerda e direita deveria ficar, em tese, em posição secundária. Sob essa perspectiva, vemos como o cronotopo coage a produção enunciativa, sempre revelando os embates ideológicos que singularizam a criação discursiva.

Ao mesmo tempo, pudemos perceber que, na análise de enunciados, interessa a observação da linguagem em sua dimensão verbivocovisual, ou seja, na medida em que diferentes modos semióticos de significação convergem para o objetivo de manifestar uma tonalidade valorativa que reflete e refrata ideologias cronotopicamente conformadas por capitais histórico-culturais de constituição social.

Outras pesquisas poderão observar, por exemplo, como as demais produções de Rafael Marçal, cujos protagonistas não sejam Rã Zinza, apresentam seu matiz ideológico por via dos enunciados, dialogando com as diferentes produções do autor acerca do cronotopo pandêmico. Estudos como esses, além de permitirem uma análise da linguagem sob um viés sociológico tal como

propõe o Círculo de Bakhtin, ainda oportunizam um aprofundamento interpretativo que deve ecoar no ensino de línguas, se se objetiva formar sujeitos que observam a linguagem como fenômeno ideológico por natureza e assumem sua posição ética frente à produção discursiva de seu cronotopo.

Referências

AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2004.

AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 95-114.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2. ed. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética – a teoria do romance*. São Paulo: Unesp, 1998.

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do Ato Responsável*. 3. ed. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Pedro: Pedro e João Editores, 2017.

BRAIT, B. Introdução: alguns pilares da teoria bakhtiniana. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 7-10.

BRAIT, B. Teoria e análise do discurso. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-32.

GONÇALVES, A. P. Os ascensos revolucionários de fevereiro e outubro de 1917 na Rússia nos livros didáticos de História. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 33, n. 54, p. 227- 274, jan./jun. 2008.

MAGALHÃES, H. *Humor em pilulas: a força criativa das tiras brasileiras*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2006.

MARÇAL, R. Rã Zinza. In: MARÇAL, R. *Portal Rafael Marçal*. [S. l.], 21 set. 2021. Disponível em: <https://vacilandia.com/category/tirinha/ra-zinza>. Acesso em: 9 nov. 2020.

MARCHEZAN, R. C. Diálogo. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 115-131.

NOVAIS, E. L. *A construção discursiva da (in)disciplina na perspectiva bakhtiniana: vozes, discursos e alteridade no contexto escolar*. 2008. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=12242@1>. Acesso em: 23 set. 2018.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A filosofia da linguagem bakhtiniana e sua tridimensionalidade verbivocovisual. *Estudos Linguísticos*. São José do Rio Preto, v. 49, n. 2, p. 706-722, jun. 2020a.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Filosofia da Linguagem Bakhtiniana: concepção verbivocovisual. *Revista Diálogos (RevDia)*, Cuiabá, v. 8, n. 3, p. 131-151, set./dez. 2020b.

ROJO, R.; BARBOSA, J. P. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo, Parábola, 2015.

SAINT-EXUPÉRY, A. *O pequeno Príncipe*. Paris: Éditions Gallimard, 1943.

SILVA, R. O.; ALMEIDA, M. de F. Análise da interação verbal na teoria bakhtiniana. *Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 2, n. 1, p. 117-127, jan./jun. 2013.

SOBRAL, A. Ato/Atividade e evento. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 11-36.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo, Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

Francisco Rogiellyson da Silva Andrade

Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Federal do Ceará (UFC), em Fortaleza, CE, Brasil; especialista em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Federal do Ceará (UFC), em Fortaleza, CE, Brasil. Professor de Língua Portuguesa vinculado à Secretaria Municipal da Educação de Fortaleza (SME) e à Secretaria Estadual da Educação do Ceará (SEDUC), em Fortaleza, CE, Brasil.

Flavia Hatsumi Izumida Andrade

Mestra em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em São Carlos, SP, Brasil; especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em Campinas, SP, Brasil; doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em São Carlos, SP, Brasil; professora de Educação Básica, Técnica e Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), em Avaré, SP, Brasil.

Pollyanne Bicalho Ribeiro

Doutora em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMG), em Belo Horizonte, MG, Brasil; mestra em Educação pela Universidade São Marcos, em São Paulo, SP, Brasil; professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) e do Departamento de Letras Vernáculas (DLV) da Universidade Federal do Ceará (UFC), em Fortaleza, CE, Brasil.

Endereço para correspondência

Francisco Rogiellyson da Silva Andrade

Universidade Federal do Ceará – Área 1

Centro de Humanidades
Av. da Universidade, 2683, bloco 125, térreo
Benfica, 60020-181
Fortaleza, CE, Brasil

Flavia Hatsumi Izumida Andrade

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
PPGL - Programa de Pós-Graduação em Linguística
Rodovia Washington Luis, km 235
13565-905
São Carlos, SP, Brasil

Pollyanne Bicalho Ribeiro

Universidade Federal do Ceará – Área 1
Centro de Humanidades
Av. da Universidade, 2683, bloco 125, térreo
Benfica, 60020-181
Fortaleza, CE, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.